

A História de BRASÍLIA

Um pouco sobre Lucio Costa

Índice das páginas sobre a História de Brasília

Para fotos de Lucio Costa: <http://www.geocities.com/metrodicos/0418/050aisgebrasilia.htm>

<http://www.geocities.com/metrodicos/0418/050aisgebrasilia.htm>

Lucio Costa nasceu em Toulon, França, em 27 de fevereiro de 1902, filho de brasileiros em serviço no exterior. Seu pai era o almirante Joaquim Ribeiro da Costa. Estudou na Royal Grammar School de Newcastle (Reino Unido) e no Collège National, em Montreux (Suíça). Após retornar ao Brasil, em 1917, estudou pintura e arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes, diplomando-se em 1924. Quatro anos depois, casou-se com Julieta Guimarães.

Em 1930 é nomeado diretor da Escola Nacional de Belas Artes, onde introduz mudanças no sistema de ensino. No ano seguinte, reformula o 38º Salão Nacional de Belas Artes, nomeando para o júri, entre outros, Manuel Bandeira e Anita Malfatti.

Em 1936 consegue convencer Le Corbusier a vir ao Brasil avaliar o projeto para o edifício-sede do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro.

Em 1938 projeta, ao lado de Oscar Niemeyer, o pavilhão brasileiro da New York World's Fair.

Em 1954 perde a mulher num acidente automobilístico, do qual ele se julgaria culpado, por dirigir o carro em que viajavam.

Em 1957 vence o concurso nacional para a elaboração do Plano Piloto de Brasília.

No ano de 1960 recebe o título de professor "honoris causa" da universidade de Harvard (EUA). Quatro anos depois, é chamada para chefiar a equipe que projetou a recuperação de Florença (Itália), afetada por uma inundação.

Em 1969 inicia a elaboração do Plano Diretor da Barra da Tijuca (Rio).

Em 1976 participa, a convite dos escritórios Nervi e Lotti de Roma, da concorrência para a construção da nova capital da Nigéria (Abuja). A proposta não é levada adiante.

Em 1987 apresenta um trabalho intitulado Brasília Revisitada, no qual pede que se respeitem as quatro escalas que estiveram na concepção da cidade (monumental, residencial, gregária e bucólica).

Em 13 de junho de 1998, falece em sua residência no Leblon, na cidade do Rio de Janeiro.

Obs: o nome completo do urbanista seria Lucio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima e Costa. A grafia correta seria "Lucio Costa", sem acento no "u". Contudo, em várias publicações oficiais, e também em enciclopédias, se encontra "Lúcio Costa". Esta informação sobre o nome correto nos foi passada por Haroldo de Queiroz, arquiteto, Presidente do IAB/DF.

Para mais páginas sobre a Fundação Santista - clique no endereço especificado sobre Lucio Costa.
Para mais informações clique aqui

Para seguir conhecemos alguns parâmetros da publicação "Brasília" - Governo do DF - Edições Ilustramento, 1996

"O arquiteto Lúcio Costa nasceu em Toulon, na França, em 1902, filho do engenheiro naval Joaquim Ribeiro da Costa. Em 1917 veio para o Brasil, matriculando-se no curso de arquitetura da

garantiu. O urbanista do Brasil não escondeu sua mágoa, também, com a demolição de várias casas por ele projetadas, principalmente no Rio de Janeiro, com o avanço dos megaedifícios. “Não sou capitalista nem socialista, não sou religioso nem ateu”, afirma Lucio Costa, repetindo um axioma de sua vida. Sentado numa velha poltrona estufada, com as mãos entrelaçadas, Lucio Costa expôs um traço marcante de sua personalidade — a humildade — que caracterizou toda a sua trajetória profissional. Ser o responsável pelo projeto da capital da República foi, na sua avaliação, algo que estava escrito nas estrelas. “Eu não me sinto responsável por nenhuma obra especial senão a criação de uma cidade nova, a capital. E foi por concurso público. De modo que não foi um capricho”, disse.

Lucio Costa lembrou que estava no exterior quando decidiu participar do concurso para a construção de Brasília. “Eu estava voltando dos Estados Unidos, por mar. Durante a viagem eu comecei a me interessar pelo projeto de criar uma cidade nova — uma capital. Muita gente criticava ferozmente. Diziam que era um gasto inútil, não gostavam do nome. Tinha gente que dizia que Brasília era nome de cozinheira”, recorda.

O criador de Brasília garantiu que não seguiu modelos externos para elaborar seu projeto. “Tudo em Brasília foi criação, foi tirado da minha cabeça mesmo. Não me baseei em nada a não ser na minha formação de arquiteto e de urbanista”, afirmou. “Entendo que Brasília valeu a pena e, com o tempo, ganhará cada vez mais conteúdo humano e consistência urbana, firmando-se como legítima capital democrática do país. Ela foi concebida e nasceu como capital democrática e a conotação de cidade autocrática que lhe pretenderam atribuir, em decorrência do longo período de governo autoritário, passará.”

INCHAÇO

O inchaço de Brasília — projetada para ter 500 mil habitantes até o ano 2000 e hoje com quase 2 milhões de pessoas, surpreendeu Lucio Costa. “Brasília cresceu muito mais rápido do que eu previ. Eu recomendaria pé no freio. Acho que Brasília não deve se transformar numa metrópole assim no sentido de grande cidade. É uma cidade nova que já criou raízes. Brasília já é reconhecida como uma grande capital do país por todos os brasileiros.”

Apesar de reconhecer que os monumentos do arquiteto Oscar Niemeyer deram característica própria a Brasília, Lucio Costa não divide a paternidade sobre a criação da capital. “Eu criei a cidade, o projeto é meu! Eu comecei pelo princípio: a capital são os três poderes. De modo que essa cidade teria que ser caracterizada, de nascença, por essas circunstâncias, de ser a capital da República. E hoje todo mundo conhece a Praça dos Três Poderes, formada por um triângulo equilátero, equivalente, porque os poderes são independentes e, teoricamente, autônomos. Então, a Praça dos Três Poderes foi o ponto de partida.” Lembra que nem mesmo o presidente Juscelino Kubitschek deu piteco sobre o projeto urbanístico da nova capital. “Juscelino não deu palpite nenhum, nenhum mesmo! Juscelino deu todo apoio ao meu projeto e o nome da cozinheira se consolidou.” Para Lucio Costa, Juscelino Kubitschek foi o melhor presidente brasileiro. “Juscelino, com a colaboração de Israel Pinheiro, construiu Brasília”, justifica.

ABSURDOS

Lucio Costa condenou com veemência projetos apresentados na Câmara Legislativa da Capital de se transformar as superquadras do Plano Piloto em condomínios fechados — “isso é um absurdo, inteiramente fora de propósito” — e considerou normalíssimo que Brasília hoje enfrente grandes engarrafamentos no tráfego de veículos, apesar de suas extensas e bem pavimentadas avenidas — os eixos.

“Isso é inevitável em qualquer cidade de certo porte, que terá horas de engarrafamento. São horas em que a população toda quer se deslocar. De modo que isso faz parte da concepção urbanística contemporânea. Não há modo de fazer uma cidade isenta de engarrafamentos naquelas horas em que a população quer se deslocar, na entrada e na saída do trabalho.”

De uma coisa, porém, Lucio Costa estava convicto em sua última entrevista: se recebesse a missão de projetar uma nova capital da República, faria tudo outra vez, sem qualquer alteração. “Eu sou uma pessoa só. O que eu tinha que fazer, fiz.” O que também surpreendeu Lucio Costa foi o inchaço das cidades-satélites do Distrito Federal, como Ceilândia e Taguatinga, que hoje têm populações superiores à do Plano Piloto. “É muito bom que essas cidades-satélites existam para que o Plano Piloto não seja sobrecarregado. Como capital, Brasília precisa ter personalidade própria, uma certa monumentalidade no sentido bom da palavra, não no sentido pejorativo. Uma

AP - O senhor disse que a ideia surgiu com facilidade, né?

LC - É Ah! Sim, sim, é surgiu.

AP - E o senhor ia tinha conhecimento do edital, tinha lido o edital ou só era rumores ainda?

LC - Não. Já já eram passados três meses que o edital tinha sido publicado. Eu tinha lido. Tinha sido até procurado pelo Roberto Túrcio que me convidava para, para propor (incompreensível). Eu recusei, porque eu não estava bem, não me sentia bem. Só depois que eu... Queria a cidade inventada, né? (...)

AP - Na década de 30 tinha toda uma discussão a respeito do desenvolvimento do país, se devia, é o... Não autor assim como... Alberto Torres é, Oliveira Vianna que eram reeditados nessa época. O senhor chegou a conhecer?

LC - É justamente: Toda, toda essa parte. Foi uma época mais densa, né? Justamente como havia pouco trabalho... né? Nesses quatro anos, de trabalho, entre o ministério e a saída da escola. Aí que eu, não são da parte da cultura, mas... era um período em que os jornais tinham crônicas literárias, Amoroso Lima... Grieco, todas aquelas coisas (...)

AP - Essa sua objetividade, inclusive um dos critérios para o julgamento, em relação aos demais projetos, e que os demais se perdiam num detalhismo muito grande e o seu era claro...

LC - Claro... sintético.

AP - Sintético e objetivo.

LC - E objetivo, é...

AP - E não detalhava nada... O que...

LC - Além do pedido.

AP - Como o senhor... trataria essa sua, essa sua capacidade, a ordem disso?

LC - Porque ali... Eu acho que isso é a própria, é a própria formação do arquiteto acho que é... partir do geral pro particular. Ao passo que a formação do engenheiro é ao contrário, partir, do particular para o geral. Dois mais dois são quatro, e daí... Eu acho que essa visão do arquiteto é a visão do urbanista, também. O urbanista tem que partir do geral para o particular. E, isso estabelece assim, né? É uma espécie de escola do... mental, né? Para organizar o raciocínio, eliminando o supérfluo (...)

AP - Não tem parâmetro, o senhor morou em Brasília na época da construção?

LC - Não, nunca morei em Brasília. Eu, porque... a Novacap organizou um escritório aqui, aqui no Rio, era a parte de urbanismo e foi Augusto Guimarães, engenheiro, meu amigo, é que chefiou o escritório. Eu mesmo na memória de que eu tinha, eu acentuo que não pretendia acompanhar os trabalhos senão como um consultor eventual, aquele de consulta, porque eu me conhecendo... sabia que eu não ia querer... enfrentar. Eu me recordo a primeira vez que eu fui a Brasília encontrar com o presidente lá e subimos, só tinha aquelas, uma senda. Só tinha um caminho cortado... tem até fotografias tiradas pelo Fontenelle, aquele fotógrafo, Fontenelle. Uma grande figura. Tem essas duas fotografias que é... um, e um, é como se fosse uma trilha cortada no cerrado. Uma no sentido do Eixo Monumental e outra arqueada no sentido do Eixo Rodoviário?

AP - Foi o senhor que orientou aquele primeiro desenho? No cerrado?

LC - Esses eixos já estavam abertos. Essas trilhas... (incompreensível) pelo estatuto. Já estavam bem riscadas, inclusive o triângulo, a Praça dos Três Poderes. E... eu me lembro de ter-me acovardado no sentido do tamanho, a extensão, o tamanho, compreende? Mas felizmente, o que eu... primeiro: o que eu, eu concebi assim a capital como, na escala definitiva, quer dizer... de um Brasil definitivo, compreende? Eu, nunca... isso é que é importante, porque capital é uma cidade construída, construída pra toda vida, não? Não é uma coisa pra estar sendo renovada... mudada, né? Assim, já passou desta fase... já houve a mudança de Salvador, do Rio, período colonial, colônia imperial, mas aí... era uma mudança definitiva e eu concebi uma capital, uma cidade, com características de capital, uma escala de capital. De modo que quando um carioca ou um paulista que fosse lá, mesmo no início... não se sentisse numa cidade-província, compreende? Mas a capital da República, ainda que numa vida precária, uma vida um tanto... um tanto regional. (...)

Rodoviária

LC - Aquela plataforma é fundamental lá no plano, em três níveis, naquele cruzamento. E justamente isso é uma das coisas que, que eu já expliquei isso numa, numa entrevista da última vez que fui a Brasília, não sei se o senhor tomou conhecimento... disso. É que eu tinha concebido essa plataforma rodoviária, no Plano Piloto, como... um... centro muito cosmopolita, compreende?

Não é um processo, o processo. É um processo, né? Agora nesse processo se insere, se insere, no caso individual, em cada um como pessoa. Quer dizer, a nossa vida não é um processo. um drama individual. Cada um de nós é um drama individual, mas esse drama individual... é um processo... aquilo vai pensar que, vai sistematizar (incompreensível) o processo, não é não. A vida não, a vida é pessoal, é uma coisa única. Qualquer, qualquer vagabundo, de modo que... todos nós ficamos admirando. Acorda, passarinho! Uma flor, o mundo, a natureza... como é que é a natureza. A natureza é a nossa consciência. Isso, a nossa consciência é a natureza, compreende? É natureza em estado lácido, sabia? Pois é, a evolução, a evolução tinha que chegar ao estado de lucidez. Da consciência. Se não fosse assim, seria como se nada existisse, compreende? De modo que esta tese ciência, tecnologia e natureza, em que eu insisto nela e que as pessoas interpretam mal, eu acho. Pensem bem, não é...

AP- O senhor ganhou um prêmio do Instituto de Tecnologia de Massachussets. O senhor falava do paraíso perdido, né?

LC- Éta maravilha!(...)

A Capital

LC- Sendo capital, e com certeza essa é a realidade. Eu tinha que fazê-la com dignidade de propósito e de intenção, né? (incompreensível) Uma cidade única, projetada pra isso. É um símbolo (incompreensível). E essa sensação, esse símbolo, felizmente na Praça dos Três Poderes, está muito bem reproduzido, né? (...) Porque a cidade é muito combatida, né? (incompreensível) ficou uma oportunidade perdida, porque o problema social não foi resolvido (incompreensível) cinco, três anos se resolvesse o problema seria uma barbaridade, desde o tempo da colônia, da escravidão, o Brasil era essencialmente um país escravo, né? Toda a mão-de-obra era escrava, né? Como se pode, da noite pro dia, mudar? De modo que havia... Como eu ia pouco a Brasília... Falam que esses candangos, os operários que trabalharam em Brasília foram jogados fora... (incompreensível) ele podia visitar todas elas. Não são. Não foram jogados fora, eles estão muito bem. (incompreensível) Brasília e tudo mais. E que todos os, todos...

E o que aconteceu? Para construir Brasília era preciso mão-de-obra, né? Então muitos vieram para Brasília para melhorar de vida. Inaugurada Brasília (incompreensível) vieram as famílias, embora eles declarassem que iam embora. Quinze dias depois, um mês, dois meses já estavam as famílias lá. Acampavam, em torno da Catedral, em torno do Planalto, em torno do Itamaraty, né? (incompreensível) Inaugurada Brasília... não podia continuar. Eu insisto nisso (incompreensível). A Novacap, teve consciência de que esse momento ia ocorrer (incompreensível) tinha possibilidade, né? Que um terço dessa população voltaria pro seu país de origem, né? Outro terço, seria absorvido e o terceiro terço, finalmente, como tradição agrícola, grandes, vindos do interior assim. Então (incompreensível) no cinturão verde em torno da capital em fazendas modestas (incompreensível).

Com esse objetivo, a Novacap, consciente do problema, com o Ministério da Agricultura, não sei se o senhor está lembrado disto, fez um convênio (incompreensível) para criar as fazendas-modelo, cinco ou seis, não me lembro. Pequenas fazendas-modelo (incompreensível) compreende? E que acabou sendo habitadas pelo governo; pelo governo, pelo presidente. Cinco se transformaram em casa de campo.

Este "site", foi elaborado por Augusto Cesar B. Areal.
 Agradecimentos especiais ao jornal Correio Braziliense,
 pelas suas reportagens sobre Lucio Costa, que reproduzimos aqui.